

# > As representações do feminino sob a perspectiva da crítica feminista dentro dos âmbitos sociais, culturais e políticos no romance *Between the Acts*

> Representations of the feminine from the perspective of feminist criticism within the social, cultural and political spheres in the novel *Between the Acts*

**por Maria Aparecida de Oliveira**

Professora de Literatura Inglesa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), titulação doutora. Pesquisa a obra de Virginia Woolf e atua em áreas de literatura de língua inglesa, modernismo e pós-colonialismo. Agência de fomento CNPQ. Email: mariaaoliv@yahoo.com. ORCID: 0000-003-4815-7659.

**por Nicole Anizio Mariano de Sá**

Graduanda em Letras Inglês pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pesquisadora da crítica feminista comparada. Possui interesse em literatura, crítica feminista, cinema e estudos sociais. Atualmente desenvolve pesquisas acerca das implicações da crítica feminista no romance *Between the Acts*, de Virginia Woolf, com financiamento através do PIBIC-UFPB (IC). E-mail: nicoleaniziom@gmail.com. ORCID: 0000-0003-2287-7279.

## **Resumo**

Tomando como base os próprios ensaios de Virginia Woolf, como *A Room of One's Own* (1929), *Three Guineas* (1938) e *Thoughts on peace in an air raid* (1940), e os ensaios *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence* (1980) de Adrienne Rich, *Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity* (1990), de Judith Butler e *Sister Outsider* (1984), de Audre Lorde, visa-se entender neste estudo como as figuras femininas são vistas socialmente e como elas são retratadas no último romance de Woolf. Além disso, busca-se entender sobre como a guerra é vista aos olhos de Woolf e como ela nos é apresentada na obra *Between the Acts* (1941).

**Palavras-chave:** Crítica feminista. Virginia Woolf. Entre os Atos.

## **Abstract**

Based on Virginia Woolf's own essays, such as *A Room of One's Own* (1929), *Three Guineas* (1938) and *Thoughts on peace in an air raid* (1940), and the essays *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence* (1980) of Adrienne Rich, *Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity* (1990), of Judith Butler e *Sister Outsider* (1984), of Audre Lorde, this research aims at understanding how the female characters are socially seen and how they are represented in Woolf's last novel. Besides that, it searches to understand how the war is seen under Woolf's gaze and how it is represented in *Between the Acts* (1941).

**Keywords:** Feminist Criticism. Virginia Woolf. Between the Acts.

> Artigo recebido em 07.10.2022 e aceito em 02.06.2023.

## 1. Introdução

Em *A Room of One's Own* (1929), Woolf discute a posição da mulher na sociedade, seja em relação às instituições, aos homens, à invisibilidade das mulheres na história ou a tantos outros temas citados no decorrer do seu ensaio. Levando isso em consideração, as referências tomadas para a discussão deste trabalho são as seguintes: i) os aspectos políticos, sociais e culturais que estão presentes entre as figuras femininas; e ii) o contexto e a representação da guerra apresentada durante a obra.

Durante a escrita de seu último romance, Woolf também escrevia ensaios, tais como *Three Guineas* (1938) e *Thoughts on peace in an air raid* (1940), os quais também serão analisados juntamente com o romance, no que diz respeito à presença e à representação da guerra na obra. Além disso, neste trabalho, também serão considerados os textos *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence* (1980), de Adrienne Rich, *Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity* (1990), de Judith Butler e *Sister Outsider* (1984), de Audre Lorde, os quais serão utilizados para a análise da representação das figuras femininas que são apresentadas durante a obra.

O romance *Between the Acts* (1941), publicado após a morte de Woolf, narra a história de diferentes personagens que se reúnem para a apresentação de uma peça em um vilarejo da Inglaterra. Com a chegada do espetáculo, também chegam visitantes à essa cidade e, juntamente com eles, acontecimentos inesperados. A narrativa se passa no período entreguerras e tem como personagens principais a família Oliver. O foco dessa pesquisa está no casal Isa e Giles e na diretora da peça, Miss La Trobe.

## 2. Representações dos aspectos sociais e culturais no romance *Between the Acts*

O romance *Between the Acts* (1941) inicia-se com a imagem do espaço onde a história se passa: um vilarejo pacato da Inglaterra. A descrição do lugar serve para imergir o leitor de tal forma que seja possível imaginar os personagens com total clareza, bem como seus pontos de vista e suas ideias.

Importa lembrar que *Between the Acts* foi escrito entre 1937 e 1941 e publicado em 1941, após a morte de Virginia Woolf. Nesse período acontecia a primeira onda do feminismo, na fase histórica do movimento em que a luta principal se direcionava à igualdade de direitos entre homens e mulheres, com um foco maior na busca pelos direitos sexuais, econômicos e pelo direito ao voto. Desse modo, o feminismo interseccional não existia e, portanto, tais pautas não eram levadas em consideração, pois o foco era a conquista dos direitos das mulheres, que eram poucos quando contrastados com os dos homens. Assim, não se discutia o fato de mulheres negras, trans e de baixo poder aquisitivo não serem socialmente favorecidas como mulheres brancas e de melhor condição financeira.

Dito isso, e comparando com o que é apresentado durante a narrativa de *Between the Acts*, é perceptível que, durante a própria escrita do livro, estavam sendo reelaboradas as ideias sobre feminismo e sobre a guerra. Woolf retrata diversos tipos de personagens, que variam dos mais conservadores até os mais revolucionários da época. Este fato é especialmente notório ao ser feita uma análise comparativa entre os personagens Miss La Trobe e Giles Oliver, que representam lados totalmente opostos.

A Srta. La Trobe andava de um lado para o outro entre as bétulas inclinadas, uma das mãos no fundo do bolso do casaco, a outra segurando uma folha de papel almaço. E lia o que estava escrito nela. Parecia um comandante de navio andando pelo convés. As graciosas árvores pendentes, com faixas negras circundando a casca prateada, guardavam entre si a distância de um barco.<sup>1</sup>

– Não é trabalho fácil dirigir o tráfego na esquina do Hyde Park. Ônibus e carruagens, matraqueando sobre as pedras do calçamento. Fique à direita, por favor! Ei, você aí, pare. (Ele acenava com o bastão.) – Lá vai a velhota com a sombrinha bem debaixo do nariz do cavalo. (O bastão apontou de maneira óbvia para a Sra. Swithin.) Esta ergueu a mão ossuda como se, na verdade, houvesse passado pela calçada e se sobressaltasse com a justa ira da autoridade. Bem-feito, pensou Giles, apoiando a autoridade contra a tia.<sup>2</sup>

Nessa citação, é possível observar como ocorre a construção dessas duas personagens. Este fator, portanto, faz com que a obra de Woolf seja ainda mais rica, pois é construída em divergências, multiplicidade de aspectos e pontos de vista.

<sup>1</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 69.

<sup>2</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 151.

Diante disso, observa-se como ambos os personagens se manifestam como sendo o espelho invertido um do outro, pois enquanto Giles Oliver representa a imagem do autoritarismo e do poder, atrelado ao uso da violência para exercer a raiva que sente nas outras pessoas, Miss La Trobe é uma personagem mais complexa. Nas palavras de Antonio Bivar, membro do Virginia Woolf Society of Great Britain, refletidas no prefácio da primeira edição brasileira de *Between the Acts*:

[...] Miss La Trobe (auto-retrato propositalmente burlesco da própria Virginia). Mulher solitária, rude, autora e diretora da representação teatral apresentada no jardim de Pointz Hall [...]. Escondida num arbusto Miss La Trobe conduz o espetáculo. Que percorre a maior parte do livro. Todos, ricos, pobres, crianças, adultos e velhos – e até o idiota da aldeia – de algum modo estão envolvidos no evento. Uns como atores e outros como platéia.<sup>3</sup>

Nota-se, então, que La Trobe é uma figura de extrema importância para o romance, pois ela quebra padrões pré-estabelecidos socialmente diante de uma população que, assim como na época em que esse romance é publicado, está em desenvolvimento diante de suas questões sociais, culturais e políticas, especialmente quando atreladas à luta pelos direitos das mulheres. Ademais, retomando a análise comparativa, previamente mencionada, enquanto La Trobe quebra esses padrões, Giles os reforça com o seu conservadorismo e patriarcalismo exacerbados, refletidos também no contexto sociocultural e político da época.

Em *A Room of One's Own*, Woolf explora bem a ideia da raiva como forma de exercer o poder em relação aos outros, como pode ser observado na seguinte citação:

Ainda assim parecia absurdo, pensei, folheando o jornal vespertino, que um homem com todo esse poder estivesse com raiva. Ou, ponderei, a raiva é de alguma forma o usual, o espírito auxiliar do poder? Os ricos, por exemplo, ficam bravos com frequência porque desconfiam que os pobres querem se apoderar de sua riqueza. Os professores, ou patriarcas, como talvez seja mais acurado chamá-los, devem estar em parte com raiva por essa razão.<sup>4</sup>

Posto isso, pode-se dizer que, mais uma vez, as obras de Woolf estão atreladas a questões políticas, mas também a questões sociais, referentes à

<sup>3</sup> Antonio Bivar, *Entre os Atos*, 2008, p. 15.

<sup>4</sup> Virginia Woolf, *Um Teto Todo Seu*, 2014, p. 52-53.

violação do respeito à figura feminina na época e relacionadas à guerra, o que exigia um posicionamento político a favor ou contra o fascismo que avançava na Europa. Essa relação de poder que o masculino exerce sobre o feminino está constante por toda a obra, seja por representação de metáforas, representação pelos próprios personagens ou, até mesmo, por breves citações de acontecimentos no decorrer da narrativa, como se pode perceber no seguinte trecho:

Para a sua geração, os jornais serviam de livros; e, como o seu sogro deixasse cair o Times, ela apanhou-o e leu: “Um cavalo de cauda verde...” o que era fantástico. Depois: “O guarda em Whitehall...” o que era algo romântico; e depois, encadeando as palavras, leu: “Os policiais disseram à jovem que o cavalo tinha cauda verde; mas ela achou que era apenas um cavalo comum. Então arrastaram-na até um quarto da caserna, onde foi lançada numa cama. Então um dos policiais tirou parte das roupas dela, e ela se pôs a gritar e lhe deu um tapa no rosto...” Aquilo era real, tão real que ela conseguia ver na folha da porta de mogno o Arco de Whitehall; através do Arco, o quarto da caserna; no quarto, a cama, a moça que gritava, batendo no rosto dele [...].<sup>5</sup>

Nessa citação, pode-se observar que nos está sendo retratado um caso de estupro que é posto no jornal. A partir desse fragmento, a voz narrativa nos mostra a realidade que as mulheres enfrentam, estando sempre vulneráveis e em posição inferior à força e ao poder dos homens. Neste caso em particular, o estupro foi cometido por policiais, que deveriam ser responsáveis por proteger a população do perigo, mas ao invés disso, usam a autoridade que têm diante dos outros para exercer esse poder.

Outro detalhe relevante é como Isa se sente após ler a notícia no jornal, colocando-se no lugar da vítima e imaginando o local em que o crime ocorreu, pois o acha parecido com o lugar em que se encontra. Esse detalhe mostra a existência de um senso de irmandade entre mulheres, pois, ao ver um ato de violência sendo praticado contra uma mulher, as outras se solidarizam. Lorde cita isso em seu livro *Sister Outsider*, onde diz:

Por muitos anos, fomos incentivadas a olhar umas para as outras com desconfiança, como se fôssemos eternas rivais ou a face óbvia de nossa autorrejeição. Ainda assim, tradicionalmente, mulheres [...] sempre criaram vínculos de união e apoio mútuos, ainda que de maneira conturbada e apesar de quaisquer outras alianças que militassem contra

---

<sup>5</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 32.

esses vínculos. Nos juntamos umas às outras por sabedoria, força e apoio [...].<sup>6</sup>

A citação de Lorde chama a atenção para a criação de uma irmandade entre as mulheres, o que se pode observar entre Isa e a Sra. Swithin. Outra citação bastante curiosa acontece quando a voz narrativa começa a descrever os quadros que se encontram na parede de Pointz Hall, a casa onde grande parte dos eventos narrativos acontecem:

Diante da janela pendiam dois quadros. Jamais se encontraram na vida real, a dama alta e o homem segurando o cavalo pela rédea. A dama era uma pintura comprada por Oliver porque gostara do quadro; o homem, um antepassado. Tinha um nome. Segurava uma rédea. Esse antepassado era motivo de muita discussão. A dama, porém, era apenas um retrato.<sup>7</sup>

Nesse trecho, pode-se observar o contraste presente entre as figuras feminina e masculina; enquanto o masculino tem um histórico familiar e heroico, o feminino é apenas uma bela pintura. À vista disso, pode-se analisar a citação de diversas formas. Uma delas, seria a partir do discurso de Rich, em que ela cita:

Luce Irigaray argumenta que as mulheres constituem um paradoxo, se não uma contradição, no seio do próprio discurso da identidade. As mulheres são o “sexo” que não é “uno”. Numa linguagem difusamente masculinista, uma linguagem falocêntrica, as mulheres constituem o irrepresentável.<sup>8</sup>

Observa-se que a figura masculina está em grande parte das vezes atrelada ao poder, de modo que o homem pode desbravar o que tiver curiosidade sem problema algum. Em contraste, com relação à figura feminina que está presente no retrato, Woolf faz alusão à figura da mulher e sua desvalorização em sociedade, mostrando que, diferentemente do homem, a mulher nunca deve se aventurar, permanecendo sempre como uma figura secundária.

Esse é um ponto que Woolf cita também em seu ensaio *A Room of One's Own* (1929), no momento em que, ao tentar transitar livremente pelo gramado e pela biblioteca de Oxbridge, a narradora é interrompida por não estar acompanhada ou até mesmo por não ser uma figura masculina, como pode ser visto no trecho a seguir:

<sup>6</sup> Audre Lorde, *Irmã Outsider*, 2019, p. 60-61.

<sup>7</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 46-47.

<sup>8</sup> Judith Butler, *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, 2003, p. 29, apud IRIGAY.

Na mesma hora a figura de um homem surgiu para me interceptar. Não percebi de pronto que as gesticulações daquele objeto curioso, de fraque e camisa formal, eram dirigidas a mim. O rosto dele expressava horror e indignação. O instinto, em vez da razão, veio me socorrer: ele era um bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; ali estava o caminho. Somente os estudantes e os professores eram admitidos aqui; o cascalho era o meu lugar. Esses eram meus pensamentos naquele momento. Assim que retomei meu caminho, os braços do bedel caíram, seu rosto assumiu a tranquilidade usual, e, embora o gramado fosse melhor para caminhar do que o cascalho, não houve nenhum dano grave. A única acusação que posso fazer contra estudantes e professores de qualquer universidade que seja é a de eles terem afugentado meu pequeno peixe para proteger seus gramados cultivados durante trezentos anos a fio.<sup>9</sup>

Uma forma de analisar essa citação é partindo do pressuposto que a mulher tem apenas a função de ser e estar bonita, para que a sua aparência e o seu corpo possam ser objetificados pelos homens. Os espaços para o feminino são bem delimitados aos espaços domésticos e, nessa citação do ensaio de Woolf, ela demonstra que a mulher não deve ultrapassar esses limites. Dessa forma, o quadro com a figura da mulher foi comprado por se tratar de uma figura a ser admirada, enquanto o quadro com a figura masculina foi herdado, sendo discutido das mais diversas formas, pois lhe foi atribuído um significado muito mais importante do que a sua aparência, algo que não acontece com o quadro mencionado anteriormente.

Uma outra citação bastante relevante é a cena em que Isa compara o seu medo ao de William Dodge:

“Por que será que ele está com medo?”, pensou Isabella. Era um pobre coitado; com medo de defender suas próprias crenças – assim como ela tinha medo do marido. Pois não escrevia seus poemas num livro encadernado como se fosse um registro da contabilidade doméstica, para que ele não suspeitasse?<sup>10</sup>

Esta citação mostra como a opressão e a censura atingem a vida da mulher, de modo que o medo se sobressai e, para agir em liberdade, a mulher deve agir em segredo. Este aspecto também está presente em várias narrativas literárias, tais como o conto *The Legacy* (1944), também escrito por Woolf, ou até mesmo o conto *The Yellow Wallpaper* (1892), escrito por Charlotte Perkins Gilman. Em ambas as narrativas, há a presença de mulheres que estão fugindo de seus

<sup>9</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p.14-15.

<sup>10</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 59.

maridos, pois eles querem que elas ajam como a figura do anjo do lar, citada no ensaio woolfiano, *Professions for women* (1931):

Vocês, que são de uma geração mais jovem e mais feliz, talvez não tenham ouvido falar dela – talvez não saibam o que quero dizer com o Anjo do Lar. Vou tentar resumir. Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitiço era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto.<sup>11</sup>

Além disso, há também a presença da escrita como forma de fuga e libertação da realidade em que as protagonistas se encontram, assim como ocorre com Isa em *Between the Acts*. Com relação a isso, Rich ainda cita:

Para Beauvoir, o “sujeito”, na analítica existencial da misoginia, é sempre já masculino, fundido com o universal, diferenciando-se de um “Outro” feminino que está fora das normas universalizantes que constituem a condição de pessoa.<sup>12</sup>

O trecho acima demonstra ser notável que, para que sejam aceitas socialmente, as mulheres se moldam para que possam caber nos lugares e, assim, viver em um mundo ao qual elas não pertencem.

Uma outra forma de analisar a obra é vendo as suas diversas referências, sendo algumas delas o ensaio woolfiano *Thoughts on peace in an air raid*, publicado em 1940 e que, assim como *Three Guineas* (1938), fala sobre a guerra e a experiência de Woolf ao viver nesse período, em que as mulheres eram impedidas de atuarem de forma ativa nos combates. Em *Three Guineas*, Woolf argumenta que a guerra é o fruto do patriarcado e que as mulheres devem lutar com a mente e a inteligência para evitá-la.

Em *Thoughts on peace in an air raid*, essas ideias são reforçadas de maneira notoriamente semelhante entre as obras, bem como em *Between the Acts*. Leve-se em consideração que essas obras foram escritas no mesmo período (1938-1940) e se complementam. Por isso, analisá-las em conjunto oferece uma experiência ainda mais enriquecedora e permite afirmar que as obras de Woolf,

<sup>11</sup> Virginia Woolf. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, 2012, p. 4.

<sup>12</sup> Judith Butler, *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, 2003, p. 32.



tanto os seus ensaios, quanto as suas ficções, mostram-se interligadas nos mínimos detalhes, no que diz respeito à política que está presente.

Dessa forma, para observar como ambas as obras woolfianas se entrelaçam em suas narrativas, será tomada como ponto de partida a análise do romance *Between the Acts*, à luz do ensaio *Thoughts on peace in an air raid*.

Em seu curto ensaio, Woolf descreve a sua experiência com a Segunda Guerra Mundial, expondo seus pensamentos e argumentos em relação ao quanto a guerra é prejudicial para toda uma sociedade, e dá destaque para a posição das mulheres durante essa guerra, fazendo um contraste da realidade e de como a sua atuação deveria ser frente a esse conflito. Diante disso, Woolf fala sobre o poder no ato de pensar e como, ao compará-lo com o uso de armas durante esse ataque, nossas ideias são tão poderosas quanto armas de fogo para cessar essa guerra. Essas ideias estão explícitas na seguinte citação: “There is another way of fighting for freedom without arms; we can fight with the mind. But to make ideas effective, we must be able to fire them off. We must put them into action. And the hornet in the sky rouses another hornet in the mind.”<sup>13</sup>

A forma de Miss La Trobe ao retratar a peça sobre a história da Inglaterra durante o acontecimento de uma guerra entre nações é um excelente exemplo desse pensamento de Woolf. Dessa forma, ao lembrar os “porquês” e “comos” da construção de seu país, ela levanta questões que antes não eram pensadas, colocando também sua audiência como parte fundamental da peça. Diante disso, tomando como base novamente o pequeno ensaio woolfiano, citamos:

Every day they tell us that we are a free people, fighting to defend freedom. That is the current that has whirled the young airman up into the sky and keeps him circling there among the clouds. Down here, with a roof to cover us and a gas-mask handy, it is our business to puncture gas-bags and discover seeds of truth. It is not that we are free. We are both prisoners tonight – he boxed up in his machine with a gun handy; we lying in the dark with a gas-mask handy. If we are free we should be out in the open, dancing, at the play, or sitting at the window talking together. What is it that prevents us?<sup>14</sup>

<sup>13</sup> [Há uma outra forma de lutar por liberdade sem armas; nós podemos lutar com a mente. Mas para fazer ideias eficazes, nós devemos ser aptos a bombardeá-las. Nós devemos colocá-las em ação. E o vespeiro no céu desperta outro vespeiro na mente. Virginia Woolf, *Thoughts on peace in an air raid*, 1940, p. 2. Tradução nossa].

<sup>14</sup> [Todo dia eles nos falam que nós somos um povo livre, lutando para defender liberdade. Essa é a corrente que têm girado o jovem aviador acima dentro do céu e mantém ele circulando lá entre

Considerando essa citação, pode-se observar que além de retratar a guerra, ao citar atividades que poderiam ser feitas caso houvesse a sua inexistência, Woolf faz referência ao seu último romance, usando a expressão “at the play”, que, em tradução livre, pode significar a presença de alguém em um jogo, a atuação ou presença de alguém em uma peça de teatro. Levando em consideração que há uma peça de teatro durante grande parte da narrativa de *Between the Acts* e que, durante a sua encenação, há uma guerra acontecendo ao seu redor, é possível estabelecer uma relação com o ensaio *Thoughts on peace in an air raid*, em que Woolf crítica a guerra e suas consequências.

Ao considerar a discussão da política de gêneros, sua obra também pode ser relacionada com ideias e conceitos elaborados por grandes pesquisadoras e escritoras da crítica feminista, o que faz o romance de Woolf ultrapassar as barreiras literárias e adentrar também o campo teórico dos estudos feministas.

Audre Lorde, em seu livro *Sister Outsider* (1984), constrói a ideia do erótico como uma ferramenta feminina de poder e prazer, estando presente em todas as áreas da vida de uma mulher, tal como pode ser percebido na citação abaixo:

A própria palavra “erótico” vem do grego eros, a personificação do amor em todos os seus aspectos - nascido de Caos e representando o poder criativo e a harmonia. Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital das mulheres; daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas.<sup>15</sup>

Pensando na análise das personagens Isa e Miss La Trobe, pode-se observar que, a partir do conceito do erótico para Lorde, elas se contrastam. Isso pode ser notado nitidamente ao analisarmos como as personagens tratam de suas vidas e seus desejos, pois enquanto Isa nega a sua paixão pelo fazendeiro Rupert

---

as nuvens. Aqui embaixo, com um telhado para nos cobrir e uma máscara de gás em mãos, é o nosso dever perfurar as bolsas de gás e descobrir as sementes da verdade. Não é que nós somos livres. Nós somos ambos prisioneiros esta noite – ele encaixotado em sua máquina com uma arma em mãos; nós deitadas no escuro com uma máscara de gás em mãos. Se nós somos livres nós deveríamos estar ao ar livre, dançando, na peça, ou sentados na janela conversando juntos. O que é que nos impede? Virginia Woolf, *Thoughts on peace in an air raid*, 1940, p. 2-3. Tradução nossa].

<sup>15</sup> Audre Lorde, *Irmã Outsider*, 2019, p. 69.

Haines e esconde seus sentimentos por ele, também está negando a si mesma. Miss La Trobe, por outro lado, prioriza a si mesma e às suas vontades, sem se importar com as opiniões alheias ou a sua própria reputação. Pode-se ver a diferença entre essas duas personagens de forma nítida a seguir:

“Frustrada” era o termo que melhor se aplicava a Isa. Jamais saía de uma loja com a roupa que admirava; nem gostava de seu próprio corpo, refletido contra um rolo de tecido escuro da vitrine. Cintura grande, membros graúdos e, exceto pelo cabelo, penteado conforme a moda da época, não tinha nada de uma Safo ou um daqueles belos rapazes cujas fotos enfeitam os seminários. Parecia exatamente o que era: filha de Sir Richard e sobrinha das duas velhinhas de Wimbledon que, sendo O’Neil, tanto se orgulhavam de descenderem dos Reis da Irlanda.<sup>16</sup>

Em suma, a negação de Isa diante de seus desejos e vontades e a afirmação de La Trobe a partir deles diz muito sobre ambas as personagens, como elas veem a si mesmas e como se colocam no mundo. Durante a narrativa do romance, pode-se observar que Isa cresceu ali naquele pequeno vilarejo da Inglaterra, onde provavelmente deve ter aprendido sobre bons costumes para que fosse uma boa mãe e boa esposa, assim como também deve ter aprendido que em pequenas cidades as pessoas falam muito e as notícias se espalham rapidamente.

Sendo assim, a construção social e cultural da personagem influenciou sua formação pessoal, levando em consideração que ele se apresenta como uma pessoa fechada, a qual poucas pessoas têm acesso. Um exemplo que ilustra bem esse aspecto da personagem, são as coisas que ela guarda para si: sua poesia, suas paixões, sua admiração pelas pessoas e, conseqüentemente, sua verdadeira essência, e dessa forma, observa-se a perda do poder e da força quando atrelada ao erótico de Lorde.

Ela sempre ficava impaciente para arranjar as coisas logo. Mas de onde brotara? Com aquele nome, não devia ser inglesa pura. Talvez das Ilhas do Canal? Mas seus olhos, e alguma coisa no seu jeito, sempre faziam a Sra. Bingham suspeitar de que tinha algum sangue russo. Aqueles olhos fundos, aquele maxilar quadrado, faziam-na lembrar os tártaros, embora não tivesse estado na Rússia. Havia boatos de que fora dona de uma casa de chá em Winchester e falira. Fora atriz; também nisso falira. Comprara então uma casa de quatro cômodos, que dividia com uma atriz. Houvera uma briga entre as duas. Na verdade, sabia-se muito pouco a seu respeito. Era morena, robusta e atarracada; andava pelos campos de blusão solto, às vezes um cigarro na boca; e empregava uma linguagem bastante forte –

---

<sup>16</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 28.

quem sabe não era realmente uma dama? De qualquer modo, gostava de agitar as coisas.<sup>17</sup>

No trecho acima, observa-se a construção da personagem Miss La Trobe que, em contrapartida, reivindica essa força e esse poder, ao conceder a si mesma a possibilidade de viver como bem entende. La Trobe nos é apresentada durante o romance como uma personagem livre de amarras sociais e de grande poder diante dos outros, de forma que ela, ao dirigir sua peça, faz com que todos sigam as suas ordens para que tudo esteja dentro de seu controle e seja executado com perfeição. Além disso, é uma personagem livre e que vive em sua completude. Dessa forma, é seguro afirmar que:

Porque o erótico não diz respeito apenas ao que fazemos; ele diz respeito à intensidade e à completude do que sentimos no fazer. Uma vez que conhecemos a extensão do que somos capazes de experimentar, desse sentimento de satisfação e completude, pode-se constatar quais dos nossos vários esforços de vida nos colocam mais perto dessa plenitude.<sup>18</sup>

No entanto, é importante entender que, apesar de o autoconhecimento ser essencial para a escolha de seguir desejos e vontades, também é importante que o contexto seja analisado. No caso das personagens, por exemplo, os contextos são completamente diferentes, levando em consideração que, ao contrário de Isa, Miss La Trobe é uma senhora solteira e sem filhos e, portanto, sem as responsabilidades, e rompe com expectativas sociais.

Além disso, Miss La Trobe não cresceu naquele vilarejo onde todos se conhecem e comentam sobre a vida uns dos outros. Por isso, teve mais liberdade para ser o que quisesse ser e, conseqüentemente, por não crescer em um vilarejo, teve maior acesso a uma educação de qualidade, onde pôde estudar e preparar-se para a produção teatral que ocorre durante a narrativa da obra. Tendo isso em mente, é mais fácil perceber como Isa se tornou a figura do anjo do lar e se moldou às expectativas daquela época e lugar, enquanto La Trobe os rompeu.

Outro ponto a ser discutido é como as relações extraconjugais são retratadas na obra. A partir delas, Woolf critica as construções sociais e de gênero de forma aparente quando se compara os dois lados do casamento de Isa e Giles. Ao mesmo tempo que Isa é uma mulher sufocada pelas expectativas dos papéis

<sup>17</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 65-66.

<sup>18</sup> Audre Lorde, *Irmã Outsider*, 2019, p. 68.

sociais que são a ela atribuídos e cobrados, ela reprime a si mesma, seus desejos e paixões.

Giles, por outro lado, toma atitudes de forma inquestionável, pois sabe que, enquanto homem, ele não sofreria o mesmo julgamento que uma mulher ao cometer um adultério. Assim, enquanto Isa sofre as consequências de viver em uma sociedade e cultura patriarcal, em que na maior parte das vezes a culpa é atribuída às mulheres, Giles se envolve em um caso com a Sra. Manresa, tendo uma liberdade que Isa jamais teria enquanto mulher. Essas questões estão presentes nos seguintes trechos:

Dentro do vidro, em seus próprios olhos, podia ver o que, durante a noite, sentira pelo devastado, silencioso, romântico fazendeiro. “Apaixonada”, lia-se em seus olhos. Mas em torno dela, no lavatório, no toucador, entre as caixas de prata e as escovas de dente, estava o outro amor; o amor pelo marido, o corretor – “Pai dos meus filhos”, acrescentou, caindo no clichê convenientemente fornecido pela literatura de ficção. O amor interior achava-se nos olhos; o exterior, sobre o toucador. Mas que emoção se agitou nela, quando, por cima do espelho, do lado de fora, viu chegar o carrinho de bebê através do gramado, as duas babás e, mais atrás, seu filhinho George, retardando o passo?<sup>19</sup>

Lá estava Dodge, que sabia ler nos lábios, seu par, seu cúmplice, que, como ela, procurava rostos ocultos. Ele apressava o passo para juntar-se a Sra. Manresa, que seguira na frente com Giles – “pai dos meus filhos”, murmurou Isa. Sua carne vibrava, a carne quente, tramada de nervos, agora acesa, logo depois escura como o próprio corpo. Para conseguir curar a ferida do dardo envenenado, procurou o rosto que buscara o dia todo. Espiando, espreitando, por sobre os ombros, por entre as costas dos outros, ela procurara o homem de cinza. Ele lhe oferecera uma xícara de chá durante um jogo de tênis; e, uma vez, estendera-lhe uma raquete. Era tudo. Mas, lamentava-se ela, por que não nos encontramos antes que o salmão tivesse pulado para fora da água como um lingote de prata... Por que não nos encontramos, lamentava-se ela. E quando seu filhinho chegara, abrindo caminho entre todas aquelas pessoas no celeiro, ela murmurara: “Se fosse filho dele...” Ao passar, arrancou folha amarga que crescia também fora da janela do quarto das crianças. Barba-de-velho. Dilacerando folhas em vez de palavras, porque não cresciam palavras naquele lugar, nem rosas, ela passou perto de seu cúmplice, seu semelhante, o que procurava rostos ocultos; ele pensou: “Parece Vênus atada a sua presa.” E seguiu atrás dela. Na dobra do caminho, Giles estava preso a Sra. Manresa, parada na porta do seu carro. Giles tinha o pé na beira do estribo. Perceberiam as flechas prestes a feri-los? – Entre, Bill – disse a Sra. Manresa em tom provocante. As rodas rangeram no cascalho e o carro partiu.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 27.

<sup>20</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 189-190.

Nessa citação, pode-se compreender como Isa está dividida entre seu desejo e seu papel social como mãe e esposa. Enquanto o marido libera seu desejo em relação à Sra. Manresa. Dessa forma, pode-se concluir que Woolf trata de várias questões que vão desde as relações de gêneros, assim como questões sobre a guerra, as quais também permeiam sua escrita ensaística.

### 3. Representações do sujeito feminino no romance *Between the Acts*

É possível observar as representações do sujeito feminino em diversos momentos em *Between the Acts*, devido à multiplicidade de personagens femininas, pode-se perceber como Virginia Woolf constrói diferentes personalidades e “femininos” durante toda a sua obra. Assim, percebe-se como alguns conceitos teóricos da crítica feminista se manifestam em alguns trechos da obra, especialmente, considerando a teoria de Butler, no que diz respeito à performatividade de gênero, em seu livro *Gender Trouble* (1990), a autora afirma:

[...] o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância — isto é, constituinte da identidade que supostamente é. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados.<sup>21</sup>

Com base nisso, compreende-se que os conceitos de feminino e masculino são, no entanto, uma performance. Sendo assim, esse conceito serve como eixo para a análise de diversos trechos no romance, como será visto a seguir.

Primeiramente, no trecho em que Isa está lendo o jornal, que narra o relato de um estupro, já citado anteriormente, é importante enfatizar mais uma vez que há uma quebra na narrativa, que está evidenciada no seguinte trecho:

[...] nisso, a porta (pois havia realmente uma porta) abriu-se e a Sra. Swithin entrou, trazendo um martelo. Avançava deslizando como se o soalho fluísse sob seus sapatos rústicos muito gastos. Avançando mais, repuxou os lábios e sorriu obliquamente para o irmão. Não disseram uma palavra enquanto ela se dirigia ao armário do canto e guardava o martelo, que retirara sem permissão; com ele guardou — descerrando a mão — um punhado de pregos.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Judith Butler, *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, 2003, p. 53.

<sup>22</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 32-33.

A partir desse trecho, portanto, há uma quebra de expectativa, pois enquanto Isa lia no jornal uma narrativa opressora e machista e colocava-se na situação da vítima, a Sra. Swithin chega e quebra aquele pensamento de Isa, carregando consigo um martelo que havia pegado escondido das coisas do seu irmão. Diante disso, pode-se pensar na metáfora do martelo como um artefato ligado à violência do universo masculino e espera-se que as mulheres não o utilizem para que não se machuquem, o que reforça a ideia da fragilidade feminina. No entanto, a Sra. Swithin pega o martelo escondido das coisas do seu irmão, pois pertence a ele e, caso visse que ela pegou seu martelo, provavelmente se preocuparia com a segurança de sua irmã. Essa quebra nos mostra em contraste como a sociedade trata as mulheres e como elas realmente são.

Assim, pode-se observar como o conceito de Butler de performatividade de gênero se manifesta nesse trecho, levando em consideração que a ideia de feminilidade e fragilidade feminina são uma construção social, assim como o gênero. Dessa forma, ao se tratar de uma performance, o gênero é algo para ser visto e afirmado pela sociedade patriarcal, a fim de estabelecer papéis sociais e regulamentar uma identidade binária. À vista disso, Butler (2003) afirma: “[...] a identidade de gênero parece ser, em primeiro lugar, a internalização de uma proibição que se mostra formadora da identidade.”<sup>23</sup>

Conseqüentemente, ao constituir como parte da identidade humana e tornar o gênero binário, todas as suas interseções são excluídas e, conseqüentemente, as suas performances também. Além disso, ao performarmos um gênero estamos tentando nos encaixar nas normas socioculturais pré-estabelecidas para tal gênero, o que nos impede de assumir nossa real identidade por medo de que ela não seja acolhida socialmente. Pode-se ver como isso nos é mostrado na obra no próximo trecho a ser comentado.

Alguns dos outros exemplos de citações presentes na obra de Woolf são os momentos em que Bart assusta seu neto ao fazer um som estranho com um pedaço de jornal e o chama de chorão por ele começar a chorar com o susto que

---

<sup>23</sup> Judith Butler, *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, 2003, p. 146.

levou; o outro momento se refere à quando Bart relata esse acontecimento para Isa, reforçando o quão “menos homem” o seu neto é por ser “um chorão”. Segue o trecho do segundo momento citado:

– Seu filhinho é um chorão – disse, em tom de censura. Ela suspirou, sentando-se numa poltrona, como um balão cativo amarrado às coisas domésticas por mil fios tenuíssimos: – O que foi que aconteceu? – Peguei o jornal – explicou – bem assim... Apanhou-o e amassou-o em forma de bico sobre o nariz. “Assim” ele saltara de trás da árvore na direção das crianças. – E ele começou a berrar. Esse seu filho é um covarde. Ela franziu as sobrancelhas. Seu filho não era covarde, não era. Isa detestava tudo o que fosse doméstico, possessivo e maternal. Ele sabia disso e provocava-a de propósito, aquele velho grosseiro, seu sogro. Ela desviou o olhar.<sup>24</sup>

Assim, temos novamente a representação do conceito de performatividade de gênero de Butler, nesse caso mostrado por meio da opressão sofrida pelos homens por não poder demonstrar seus sentimentos desde muito jovens. Ao chamar seu neto de “chorão”, Bart reforça a ideia de que homens devem ser másculos, fortes e poderosos, ressaltando também a ideia de que feminilidade e fragilidade estão atreladas ao sentir e demonstrar sentimentos. Além disso, ao manifestar suas emoções, os homens também têm a sua sexualidade questionada, desde que essa é uma característica tida como “feminina”, mas ao serem relacionados às mulheres, eles perdem o poder que antes tinham como homens dentro de um recorte heteronormativo e branco.

No entanto, no fragmento apresentado, há novamente uma ruptura, pois, no momento em que Bart relata o acontecimento para Isa, como leitores esperamos que ela concorde com ele e questione a masculinidade e sexualidade de seu filho por demonstrar seus sentimentos. Porém, ela faz totalmente o contrário, questionando a veracidade das interpretações de seu sogro diante de seu filho, juntamente com uma crítica ao patriarcado e ao conservadorismo, ao dizer que odeia tudo que é doméstico, possessivo e maternal, o que ressalta que ela segue uma vida que não a satisfaz para que possa seguir as expectativas socioculturais e políticas que esperam dela ao ser mulher, esposa e mãe.

---

<sup>24</sup> Virginia Woolf, *Entre os Atos*, 2008, p. 31.



#### 4. Considerações Finais

A partir dessa pesquisa, pode-se concluir que por meio do político e do estético, expostos em *Between the Acts*, Woolf trata de questões sociais, culturais e políticas durante toda a sua narrativa, enquanto também as reflete em sua escrita ensaística, trazendo um grande avanço para as mulheres e para a conquista de seus direitos enquanto parte da sociedade, ao mesmo tempo em que é uma peça fundamental para a discussão e a evolução da crítica feminista como um todo. Assim, Woolf, em suas representações do feminino, apresenta uma crítica à condição da mulher na sociedade patriarcal e, fazendo um paralelo com os dias atuais, a crítica feminista nos permite ler as diferentes performatividades de gênero e avançar nas questões feministas.

Inicialmente, na introdução, foram apresentadas as escolhas teóricas que embasaram este texto. Utilizou-se Rich para abordar a questão da heterossexualidade compulsória em relação às questões de gênero, principalmente, para tratar das personagens Isa, Giles e Miss La Trobe, e sobretudo no item 2, ao discutir a representação dos aspectos sociais, políticos e culturais. Lembrando que por político, entendemos as questões de gênero, mas também, como Woolf demarca em seu posicionamento político em relação à guerra, está o fato de que se coloca contra o fascismo e o nacionalismo que imperavam naquele momento.

No item 3, discutiu-se as representações do sujeito feminino, a partir do conceito de performatividade de Judith Butler em relação ao relato do estupro, mencionado em dois momentos desse texto, dado a sua relevância e em relação à performatividade da masculinidade na construção da personagem Bart. Além disso, foi possível notar o conceito de erótico e de irmandade a partir do texto de Audre Lorde, em relação às personagens femininas e como elas interagem entre si. Enfim, vê-se que o texto woolfiano é aberto a diversas possibilidades, devido ao seu caráter plural e multifacetado e, quando colocado em relação a outros textos da crítica feminista, torna-se ainda mais rico.

## Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GILMAN, Charlotte Perkins. The Yellow Wallpaper. In: GILMAN, Charlotte Perkins. *The Yellow Wall-Paper and Other Stories*. Oxford: Oxford UP, 1998. 3-19. Print.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

WOOLF, Virginia. *Entre os Atos*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Novo Século Editora, 2008.

RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 23 ago. 2022.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Trad. Denise Bottmann. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2012.

WOOLF, Virginia. The Legacy. In: *A Haunted House and other Short Stories*. London: The Hogarth Press, 1953.

WOOLF, Virginia. Thoughts of peace in an air raid. In: *The Death of the Moth*. New York: Harcourt Brace, 1942.

WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. Trad. Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattuoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

### Referência para citação deste artigo

OLIVEIRA, Maria Aparecida de; SÁ, Nicole Anizio Mariano de. As representações do feminino sob a perspectiva da crítica feminista dentro dos âmbitos sociais, culturais e políticos no romance *Between the Acts*. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 4, número 2, p. 137 - 154, 2022.